
RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA: UMA REVISÃO DE LITERATURA INTEGRATIVA

THE RELATIONSHIP BETWEEN FAMILY AND SCHOOL AND ITS INFLUENCE ON CHILD LEARNING: A REVIEW OF INTEGRATING LITERATURE

Patrícia Faya van Wilpe Arcega¹

RESUMO

O processo de aprendizagem na criança é complexo e depende de diversos fatores, dentre eles, é fundamental que em seus primeiros anos, ela conte com o apoio e estímulo de seus principais formadores: a família e a escola. Este estudo trata-se de um artigo de revisão de literatura integrativa que se baseou em artigos publicados, bem como outras referências bibliográficas, para investigar teoricamente de como a relação família e escola influencia a aprendizagem da criança em seus anos iniciais. A revisão permitiu identificar que há professores insatisfeitos com a participação dos pais, e estes encontram-se cansados de serem chamados à escola somente quando seu filho apresenta baixo rendimento ou indisciplina. Há falhas na forma em que as duas instituições se comunicam e dificuldades de estabelecerem uma real integração. A família deseja ser escutada pela escola e estar mais presente, mas em contrapartida alega “não ter tempo” por estar ocupada com suas profissões. Ressalta-se que a temática ainda pode e deve ser mais bem explorada, para produzir mais conhecimento sobre esta relação tão defendida como importante, porém ainda não praticada eficazmente em muitas instituições brasileiras.

Palavras-chave: Escola. Família. Aprendizagem. Relação Família-escola.

ABSTRACT

The process of learning in children is complex and depends on several factors, among them, it is fundamental that in its early years, it has the support and encouragement of its main trainers: family and school. This study aims to investigate the influence that the relationship between family and school can present in their learning. It is an integrative literature review article that has been based on published studies, as well as other bibliographical references, to investigate theoretically the implications of how this partnership: influences childrens initial learning years. The literature review has made it possible to identify teachers who are dissatisfied with the parents' participation, and they find themselves tired of being called to school only when their child is with bad grades or presenting undisciplined behavior. There are flaws in the way the two institutions communicate

¹ Graduada em Administração pela FAE Centro Universitário. Pós-graduada em Psicopedagogia pela mesma instituição. Tutora. Curitiba-PR, Brasil. *E-mail*: patifaya@gmail.com

and difficulties in establishing real integration. The family wants to be listened by the school and wants to be more present, but in return it claims to “not have time” due to its professions. It should be emphasized that the theme can still and should be better explored to produce more knowledge about this relationship that is highly debated and important, but not yet effectively practiced in many Brazilian institutions.

Key words: School. Family. Learning. Family-school Relationship.

INTRODUÇÃO

Existe uma ampla bibliografia teórica e de estudos empíricos que buscam compreender a importância da família e da escola para o desenvolvimento infantil, especialmente na construção de sua aprendizagem. Por serem considerados sistemas complexos, não existe um conceito único e unânime acerca de qual é o ideal de família e de escola.

Este trabalho se inicia trazendo reflexões sobre esses dois sistemas, dos quais a criança faz parte, é afetada e afeta diretamente. Para melhor entender o impacto nesse processo de desenvolvimento e construção, é necessário considerar as inter-relações dos dois ambientes simultaneamente.

De maneira espontânea, a imagem que costuma definir uma família, para a maioria das pessoas, envolve um pai, uma mãe e filhos. Porém, a família conjugal ou nuclear, embora tradicional, é apenas um modelo de estrutura dentre os muitos que se formaram nas últimas décadas.

Toda criança nasce dentro de algum tipo de contexto familiar e é nele que tem os contatos iniciais com outras pessoas, por ser o primeiro grupo social a ter acesso. É onde terá suas experiências mais diretas e formará suas referências mais marcantes sobre amor, cuidado, segurança, certo e errado, caráter, limites, frustrações etc., que a acompanharão por toda a vida.

Segundo Maturana (2006, p. 163), família é:

Um domínio de interação de apoio mútuo na paixão por viver juntos em proximidade física ou emocional, gerado por duas ou mais pessoas, seja através de um acordo explícito ou porque crescem imersos nele, no acontecer de seu viver [...]. Como sistema, uma família existe no âmbito biológico, através da realização do viver de seus componentes. Além disso [...] se realiza no linguajar e emocional de seus membros como um caso particular de configuração de conversações recorrentes (organização) que definem como membro de tal classe.

Refletindo a respeito disso, pode-se, então, afirmar que o ser humano é, em sua essência, um ser social que procura estabelecer interações, pois, desde cedo, dentro do meio familiar, teve isso como exemplo. Essas interações contribuem para a construção de seu desenvolvimento em diferentes áreas: afetiva, cognitivo, funcional etc., e servirá de alicerce diante dos tantos desafios que se apresentarão tanto consigo mesmo como no meio em que vive. Explorando um pouco mais a respeito desse sistema complexo chamado **família**, Acosta e Vitale (2010, p. 64, grifo do autor) complementam:

Entendemos por família a célula do organismo social que fundamenta uma sociedade. *Locus nascendi* das histórias pessoais, é a instância predominantemente responsável pela sobrevivência de seus componentes, lugar de pertencimento, de questionamentos, instituição responsável pela socialização, pela introjeção de valores e pela formação de identidade; espaço privado que se relaciona com o espaço público.

Isto quer dizer que, no dia a dia de seus anos iniciais, uma criança terá na instituição familiar as primeiras interações sociais que a prepararão para todas as outras, sendo a escola considerada a “próxima outra”. A escola é o lugar onde os pais buscam a estrutura adequada para que o filho receba aprendizagem em diferentes áreas de conhecimento.

Embora nem todos os pais ou responsáveis tenham as mesmas expectativas ou que estas sejam contempladas ao mesmo tempo, vale dizer que eles esperam encaminhar sua criança para um local que possua salas de aula, biblioteca, cantina, merenda, espaço recreativo etc. Assim como também desejam encontrar uma comunidade escolar composta de professores, coordenação, monitoramento e diretoria, enfim, profissionais preparados, capacitados e envolvidos no funcionamento e prática do processo educativo, tudo para que o seu filho seja ensinado com estímulos apropriados, bem como segurança e acolhimento, ajudando-o a despertar as habilidades necessárias para que se forme nele um ser sociável próspero, consciente e feliz.

Reforçando essa ideia, pode-se dizer que:

Educar consiste então, em oferecer condições para que a criança possa situar-se e explorar o mundo, exercitando sua linguagem e construindo seu conhecimento acerca das relações com os adultos, com outras crianças, com o espaço físico, com o tempo, com valores morais da sociedade (Souza, 1996, p. 75).

Tanto a escola como a família, cada uma em suas características próprias, são consideradas instituições educativas fundamentais para a formação do ser humano e:

[...] o que ambas [...] têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão (Szymanski, 2011, p. 216).

Com base nos dizeres da autora e de tantos outros pesquisadores, defende-se a importância de que elas sejam parceiras e se complementem na formação desses cidadãos. Esta parceria é entendida, definida e denominada como a relação que a família tem com a escola e vice-versa. Além deste termo, “relação família e escola”, outros também são habitualmente usados, como a “participação dos pais no desenvolvimento escolar”, ou “envolvimento entre família-escola”, ou ainda “integração entre escola e família” etc.

É importante ressaltar que está legalmente assegurada na Constituição Federal do Brasil, por meio do Art. 205, quando este define:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1998).

Embora não esteja explícito, o artigo indica a existência dessa relação quando declara que a educação cabe tanto ao Estado como à família e, sendo a escola a principal instituição que representa a responsabilidade do Estado pela educação no Brasil, demonstra aí a evidência do vínculo e, portanto, seu amparo legal.

Exposto isso, verificam-se muitas pesquisas procurando entender a prática dessa relação nas escolas brasileiras e sua importância na aprendizagem da criança e, embora elas sejam relatadas em teses, dissertações, ensaios e livros, a presente revisão de literatura integrativa consultou esses meios, mas focou em artigos científicos publicados em periódicos nacionais de boa classificação. Em um desses artigos publicado recentemente, Saraiva-Junges e Wagner (2016), ao realizarem uma revisão sistemática da literatura, descrevem que tanto a família como a escola dividem a tarefa de educar e socializar um indivíduo, e que uma relação bem estabelecida previne comportamentos disfuncionais. Saraiva-Junges e Wagner compartilham ainda que há uma complexidade inerente à temática, assim como as metodologias disponíveis para aderir a ela, e perceberam que alguns artigos apresentam certa dificuldade de delimitação do objeto de pesquisa e concluíram que:

[...] a produção acadêmica sobre o tema no Brasil encontra-se em momento de diagnóstico de dificuldade e constatação da necessidade de propostas de intervenção para otimização, mas ainda não se percebem quanto a proposições práticas que fomentem uma parceria efetiva entre escola e família (Saraiva-Junges & Wagner, 2016, p. 114).

Diante disso, e somado à leitura de outros artigos levantados para este trabalho, verificou-se também que, em alguns casos, houve uma discrepância entre os objetivos traçados e os respondidos pelos estudos. Outro fato constatado é em relação às ações descritas para trazer as famílias à escola. Essas ações não partiram da escola, mas sim dos pesquisadores externos que tinham como objetivo compreender a relação família-escola, desenvolvendo, desta forma, intervenções para coleta de dados, visando a realização de seus trabalhos. Logo, justifica-se como necessário e coerente o aprofundamento de estudos sobre o tema para o preenchimento destas e outras lacunas, além de buscar respostas pertinentes a essa parceria.

Sendo assim, pretende-se, neste trabalho, apresentar considerações teóricas acerca de como a relação família e escola influencia a aprendizagem da criança em seus anos iniciais e, além disso, como se dá a integração desse binômio família e escola; a participação da família no meio escolar; o entendimento institucional sobre a família; como se mensura o impacto dessa relação no desempenho dos alunos, mostrando o estado em que se encontra o conhecimento sobre esta importante temática.

MÉTODO

O artigo aqui apresentado trata-se de uma revisão integrativa de literatura, que se define como uma “ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado” (Souza, Silva, & Carvalho, 2010, p. 103). Acorda dados da literatura teórica e empírica, incorporando um vasto leque de propósitos como: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico específico (Souza, Silva, & Carvalho, 2010).

Após a definição do tema, foi realizada a consulta em bases de dados eletrônicas, como SciELO, LILACS e Periódicos CAPES.

Foram inseridas, de maneira combinada no campo de busca, as palavras descritoras, a saber: Escola, Família; Aprendizagem e Relação família-escola. Inicialmente levantou-se pela base SciELO, 179 artigos, pela base LILACS, 337 e Periódico CAPES, 1.515.

A partir disso, selecionou-se apenas artigos, sendo estes escritos em português e publicados nos últimos 10 anos, chegando ao total de 80. Fez-se a leitura do resumo e a seleção dos que mais correspondiam ao objetivo dessa revisão.

Por fim, 18 artigos foram lidos na íntegra, e destes, 15 foram selecionados para este estudo e fichados bibliograficamente. Cabe ressaltar que as questões que serviram como critérios para a coleta de dados foram: Qual é a visão do artigo sobre a relação família e escola? Quais as principais demandas e queixas da escola em relação à família? E quais as principais demandas e queixas da família em relação à escola?

A partir dos achados do estudo bibliográfico, os resultados foram analisados e organizados para responder às seguintes perguntas:

- Quais práticas a escola tem desenvolvido para trazer a família ao seu meio e melhorar a qualidade da relação?
- Se a família é considerada a matriz educacional de um indivíduo e colabora diretamente na formação de sua aprendizagem, quais atitudes a escola tem buscado para melhor entendê-la?
- De que maneira os pais costumam se envolver no processo de ensino do filho quando tantos alegam falta de tempo ou despreparo?
- Afirma-se que a relação família e escola tem grande importância na aprendizagem da criança. É possível evidenciar concretamente os impactos/benefícios dessa parceria?

Por fim, artigos repetidos, publicados em língua estrangeira, ou que não contemplavam os objetivos deste trabalho, foram considerados como critérios de exclusão. Teses, dissertações, ensaios e livros foram consultados e utilizados para a discussão dos achados.

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA E ESCOLA FRENTE À APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Práticas que a Escola Vem Desenvolvendo para Melhorar a Qualidade na Relação Família/Escola

Ao surgimento da instituição escolar no Brasil, com a vinda dos jesuítas, houve inicialmente o plano de catequisar os nativos que aqui habitavam. Depois, iniciou-se um processo de formação: para as famílias de elite (burguesia), voltado às ciências; para as de classes populares, voltado ao trabalho, com o intuito de especializá-las para a mão de obra (Shigunov Neto & Maciel, 2008).

Após a Proclamação da República, começaram a ocorrer mudanças que deram a forma escolar que se conhece hoje: não mais distinta de uns para outros e sim como fundamental para todos.

As transformações continuaram até os dias atuais, e uma das mais significativas foi a maneira como a criança passou a ser vista, pois adquiriu uma nova proporção, onde, de mero receptor, torna-se sujeito ativo no processo de aprendizagem. Diante disso, o ensino também se adaptou às características próprias da infância, o que despertou mais curiosidade e interesse dos pais pelos meios pedagógicos (Lima & Chapadeiro, 2015).

A mudança também ocorreu na postura e no papel do professor, que de “detentor de todo saber” se transformou em um mediador que tem o desafio de entender, segundo Freire (2013), que educar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Logo, a relação família e escola mais próxima, acessível e harmoniosa nasceu da necessidade de atingir um grande objetivo: promover a formação de condições favoráveis que beneficiem o desenvolvimento da criança em ambas as instituições, cada qual com sua responsabilidade.

A importância da participação da família na escola é inquestionável (Almeida & Arantes, 2014; Rufino & Souza, 2012; Perez, 2010; Bazeleski & Arruda, 2011; Botelho, 2016; Camporezi & Kuhn, 2014; Bispo, 2015) e as leis brasileiras deixam evidente a necessidade de cooperação e união entre elas, entendendo que é da escola a responsabilidade da aproximação. Basta verificar o que a LBD n. 9.394/96 cita no Art. 12, em especial no parágrafo VI:

Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e de seu sistema de ensino, terão a incumbência de: [...] articular-se com as famílias e a comunidade, criando processo de integração da sociedade com a escola (Brasil, 1996, p. 11).

Percebe-se, na prática do cotidiano educacional, que o professor desempenha o elo mais forte entre os pais e a instituição, e sua importância para a formação dos alunos é indiscutível. Posto isso, alguns estudos (Bazeleski & Arruda, 2011; Almeida & Arantes, 2014; Camporezi & Kuhn, 2014; Perez, 2010; Silva & Muller, 2011) relatam o que a maioria das instituições escolares entende estar, de maneira prática, promovendo o convívio da família dentro de seu meio, através das reuniões de pais; reuniões de entrega de notas/boletins; atividades comemorativas, como

Dia das Mães, Dia dos Pais, Páscoa, Festa Junina etc.; confraternizações e eventos em geral (Feira do livro, mostras de projetos etc.). Citam ainda tentativas de direcionamento da escola em incentivar a presença dos pais para melhorar a relação entre ambas, como: a organização do Conselho da Escola, os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Dia da Família na Escola, o Projeto Escola da Família e a iniciativa de voluntários. Além disso, acrescentam que a escola entende também como participação quando os pais vêm avisar que seus filhos estão doentes ou irão viajar, ou quando são chamados para conversar sobre questões de desempenho, indisciplina e tarefas não realizadas.

No estudo de Camporezi e Kuhn (2014), foi comentado sobre a Gestão Democrática, que, entre outros propósitos, serviria também como um meio para a família envolver-se mais intensamente com os assuntos escolares. Essa modalidade de gestão nasceu da necessidade de um novo modelo de gestão educacional, na Conferência Mundial de Educação para Todos ocorrida em Jomtien, Tailândia, em 1990 e na Conferência Cúpula de Nova Délhi, Índia, em 1993. Em poucas palavras, ela pode ser compreendida como uma construção possível de diálogo entre a escola, o governo, os pais, os alunos, os professores, enfim, entre a comunidade escolar e a social. Visto que há muito se percebe essa comunicação sendo de mão única, no sentido de haver pouco espaço para a família se manifestar sem que seja limitada de acordo com os interesses da instituição. Foi pensada também como uma forma de auxiliar ou de melhorar a participação dos pais dentro da escola. Assim, eles apareceriam de diversas maneiras, por exemplo, nos Conselhos Deliberativos Escolares e/ou em eleições para a escolha de diretores.

Isso, portanto, possibilitaria as portas abertas às famílias, pois cada uma, em sua potencialidade, poderia trabalhar em prol de promover os melhores métodos pedagógicos e educativos para a criança.

Atitudes que a Escola Tem Buscado para Melhorar o Atendimento à Família

Como mencionado anteriormente, a família e a escola têm suas responsabilidades na formação do futuro cidadão. Para alcançar o êxito pretendido e em conformidade ao disposto no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, faz-se necessário, por parte das instituições de ensino, entender a importância da família como sendo a “primeira matriz de socialização” e educação do seu aluno, que, antes de tudo, é um filho e que vem recebendo formação desde o seu nascimento (RCNE) (Brasil, 1998, p. 13)

A questão apontada por Almeida e Arantes (2014) ressalta que os mestres deveriam distinguir as características da criança, tentando aliar os conhecimentos que se tem a respeito do seu desenvolvimento cognitivo e socioafetivo à sua contextualização, história de vida e experiência. Isso é confirmado também por Dessen e Polonia (2007, p. 27), que complementam:

É muito importante que a escola conheça e saiba como utilizar as experiências de casa para gerir as competências imprescindíveis ao letramento. A interpretação de textos ou a escrita podem ser estimuladas pelos conhecimentos oriundo de outros contextos, servindo de auxílio à aprendizagem formal. [...] a estrutura familiar tem um forte impacto na

permanência do aluno na escola, podendo evitar ou intensificar a evasão ou repetência. Dentre os aspectos que contribuem para isto estão as características individuais, a ausência de hábitos de estudo, a falta as aulas e os problemas de comportamento.

Foi exposto em alguns estudos sobre a questão de que alguns professores tendem a culpar ou justificar o baixo rendimento escolar dos alunos cujas famílias eram consideradas “desestruturadas”, apoiados apenas no conhecimento superficial das diferentes histórias dos envolvidos. Ora, toda a família tem suas dinâmicas e formas de ser e, de acordo com alguns autores, faz-se necessário considerar cada relação em seu contexto, para derrubar a barreira desse preconceito que atrapalha o aprender de muitas crianças (Mateus, 2016; Rufino & Souza, 2012; Camporezi & Kuhn, 2014; Pérez, 2010).

Para ter acesso a todo esse conteúdo de diferentes dimensões que o aluno traz de casa, Lima e Chapadeiro (2015) sugerem à escola desenvolver uma relação mais íntima com a família, pois é ela a fonte dessas importantes informações, e que um professor só aprende a respeito de suas reais particularidades se possibilitar o diálogo com os pais, onde os dois lados possam falar a mesma língua.

Lima e Chapadeiro (2015) descrevem ainda o Projeto de Visitação desenvolvido pela Prefeitura de Hortolândia, São Paulo. O professor que desejasse, ia à casa de seus alunos para ter maior contato com eles e com seus familiares. As autoras registraram apenas duas falas, por isso não há como opinar sobre a eficiência do projeto. Uma das famílias relatou que achava o projeto muito importante e que a filha gostava do contato; já a outra sentia, por parte dos professores, uma “investigação” para as causas da dificuldade de aprendizagem do filho e acabavam pondo a culpa nos pais.

As falas de alguns professores dão a entender que eles descobrem sobre o contexto familiar apenas quando necessitam da presença dos pais (para comunicá-los a respeito do comportamento, do desempenho, da dificuldade etc.), como verificado no estudo de Mateus (2016), que perguntou à professora se ela tem por hábito escutar o que a família tem para lhe dizer. A resposta foi:

[...] quando promovemos reuniões não aparecem nem justificam a sua ausência e essas reuniões são importantes para compreendermos as suas histórias de vida, dialogarmos, responsabilizarmos as famílias pela educação dos seus filhos, dizermos que instruímos e educamos, mas que o papel da família é importante para os pôr a par da aprendizagem que os filhos vão tendo. Não os ouvimos porque eles não aparecem e os motivos são não querer saber, pois acham que os professores é que devem tomar conta deles (Mateus, 2016, p. 57).

Entende-se como uma alternativa necessária para resolver uma questão como esta, o que está citado no RCNE (Brasil, 1998, p. 76) quando diz que “cabe, portanto, às instituições estabelecerem um diálogo aberto” com as famílias.

Os Pais e o Processo de Ensino do Filho

Para Pacheco (2012), a profissão do educador é um desafio constante de reelaboração pessoal e profissional, já que um professor não deveria ensinar aquilo que diz, mas sim transmitir aquilo que ele é.

Essa reflexão só cabe aos educadores formais? Os pais também podem ser considerados “professores”?

Pode-se dizer que sim, pois ambos, em parceria, constroem, embora de formas diferentes, as aprendizagens fundamentais para o crescimento da criança nos âmbitos intelectual, emocional e social.

Na atualidade, há muitos fatores, além da profissão, que dividem a atenção e o esforço de um pai e uma mãe, e isso acaba contribuindo para que o acompanhamento da educação do filho seja prejudicado. Por conta disso, alguns autores relatam a insatisfação dos professores pelo não envolvimento da família nas atividades escolares. Ao serem questionados a respeito dos impedimentos, como os principais motivos dados pelos pais, citam: a falta de tempo, quase sempre associada ao compromisso com o trabalho; desinteresse; falta de conhecimento (por possuírem baixa escolaridade, acham que pouco podem contribuir); despreparo (não sabem como ajudar, não conhecem a metodologia aplicada em aula) e ainda há os que dizem que educação é dever da escola (Lima & Chapadeiro, 2015; Camporezi & Kuhn, 2014; Bazeleski & Arruda, 2011; Botelho, 2014; Silva & Muller, 2011; Resende & Souza, 2016).

Camporezi e Kuhn (2014) fizeram um levantamento da renda familiar em sua pesquisa, cujos resultados apontaram que 61% dos estudantes eram provenientes de famílias com renda inferior a um salário mínimo. Sendo essa a realidade da maioria da nação brasileira, que depende de bolsas do governo para manter os filhos na escola, as autoras defendem que, em função disso, a população enfrenta inúmeras dificuldades, inclusive na educação de suas crianças.

Mas apesar de todas as mudanças e desafios atuais, os pais, em unanimidade, concordam que participar da vida escolar do filho é muito importante. Alguns se organizam e tentam acompanhar do jeito que podem. As pesquisas que abordaram a referida questão buscaram saber, através de entrevistas ou questionários, o que estes faziam para (mesmo alegando falta de tempo, despreparo, etc.) se envolverem no processo de aprendizagem. As respostas foram: incentivando a estudar; olhando o caderno; perguntando como foi a aula e o que aprendeu; buscando informações com os professores de como está o filho na escola através de bilhetes ou por telefone, sistema de mensagens por telefone; pedindo para o(s) filho(s) mais velho(s) auxiliar(em) o(s) mais novo(s) nas tarefas levadas para casa; mostrando preocupação com os estudos e dificuldades; ajudando com as leituras; cobrando resultados (Mateus, 2016; Almeida & Arantes, 2014; Botelho, 2014; Silva & Muller, 2011; Bispo, 2015; Bazeleski & Arruda, 2011; Camporezi & Kuhn, 2014).

Algumas famílias estão cientes da importância e da necessidade de estarem presentes na escola “para terem uma boa conversa com a professora” e ver como anda o comportamento e desenvolvimento do filho, mas, em razão da falta de tempo, acabam participando menos do que consideram adequado (Bispo, 2015).

É possível que, com as novas tecnologias disponíveis, surjam para os pais formas mais práticas de buscarem e acessarem informações junto aos professores e à escola, já que sua presença física nem sempre é possível.

Os Benefícios da Relação Família e Escola na Aprendizagem da Criança

Em quase todos os estudos encontrados, os autores buscaram referenciais teóricos que apontam para a importância e a influência da relação família-escola para a aprendizagem das crianças. Saraiva-Junges e Wagner (2016), em sua revisão sistemática, relatam que, nas pesquisas acerca dessa parceria, a boa integração família e escola funciona como: fator preditor de saúde, melhorando o processo de aprendizagem e os resultados acadêmicos; prevenção de problemas de comportamento, faltas e abandono escolar e estímulo ao seguimento dos estudos em nível superior. A presente revisão de literatura integrativa não teve por objetivo questionar essa importância, mas buscou evidências dessa influência na aprendizagem da criança.

Analisando os resultados obtidos por instrumentos de pesquisa, Recursos do Ambiente Familiar (RAF), entrevistas, questionários semiestruturados, observação de campo, análise documental, coleta de registros escolares, Teste de Desempenho Escolar (TED) e pesquisa bibliográfica utilizados nos estudos reunidos sobre o assunto para realizar esta revisão, não foi encontrado nenhum tipo de avaliação ou teste específico que pudesse medir esse impacto.

Nas escolas brasileiras, os professores dizem que apenas pela observação do comportamento e desempenho acadêmico, verificam uma grande diferença nos alunos que a família participa, daqueles que não, como mostra a pesquisa de abordagem qualitativa realizada na Escola Paulo Freire, no município de Sinop, Mato Grosso, onde foram entrevistadas três professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental e dois pais de alunos (Bispo, 2015).

Almeida e Arantes (2014) também desenvolveram uma pesquisa de abordagem qualitativa, na Escola Municipal Educação Básica Aleixo Schinatto, localizada em Sinop, Mato Grosso. Eles queriam saber, após observações na escola e aplicação de questionário junto, como todos eles veem a relação família e escola. Uma das perguntas dirigidas aos professores foi: “Como é o rendimento escolar dos alunos cujos pais participam do ambiente escolar?”. Constatou-se que as notas são acima da média, que são positivos na disciplina e na aprendizagem, porque estes pais dão continuidade em casa aos estudos feitos em sala. Em relação às notas, segundo o critério utilizado pela instituição, são de nível três, que significa alunos bons no processo de aprendizagem e comportamento. Já os alunos que os pais não comparecem, e que os professores nem conhecem, o nível é dois, ou seja, alunos que não demonstram nenhum interesse nos estudos.

Contudo, em uma sala do 3º ano do ensino fundamental da mesma escola, a professora relatou que, em sua aula, os alunos cujas famílias não participam do ambiente escolar, são considerados educados e seus cadernos, impecáveis. Ela lança a hipótese de que deve ser o auxílio que recebem em casa, pois a maioria desses pais é formado em ensino superior ou estão terminando a faculdade (Almeida & Arantes, 2014).

Já no estudo de caso de Camporezi e Kuhn (2014), também de abordagem qualitativa, foi realizada uma análise documental sobre a participação das famílias nos eventos pedagógicos

da instituição, levantando dados em fichas avaliativas, livro/ata da presença dos responsáveis nas reuniões escolares e ainda a aplicação de questionário para os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental e seus pais. Os professores foram entrevistados para saber se percebem alguma diferença entre os alunos que têm um maior acompanhamento da família e os que não têm. Os autores constataram que o acompanhamento em casa ajuda a melhorar a qualidade da aprendizagem e que a relação família e escola é importante, mas não determina num todo o sucesso escolar dos alunos.

Com base nesses resultados, os autores entenderam que a família que valoriza e demonstra interesse na educação dos filhos, faz com que essas crianças se sintam mais seguras, refletindo em sua aprendizagem. Mas, subentende-se também que há exceções, o que não permite encontrar uma causa linear para o desempenho na aprendizagem das crianças.

Cabe destacar ainda dois estudos (Cia, Barham & Fontaine, 2010; Rolfesen & Martinez, 2008) que avaliaram o impacto de programas de intervenção na aprendizagem da criança. O primeiro deles foi direcionado aos pais e mães, buscando aumentar o envolvimento dos mesmos no processo educacional e desenvolvimento dos filhos, para verificar o desempenho acadêmico e o comportamento de crianças da 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Participaram duas escolas municipais e uma estadual, localizadas em um município no interior de São Paulo, numa participação total de 99 crianças, 29 pais num grupo, 34 mães em outro e ainda 34 pais, num terceiro grupo. Enquanto os pais acompanhavam as reuniões, 20 professoras davam aula para as crianças incluídas no programa. A intervenção focou o aprimoramento das habilidades sociais educativas dos pais com seus filhos e o ensino de práticas parentais, favorecedoras de comportamentos pró-acadêmicos.

O programa de intervenção para pais (Cia, Barham & Fontaine, 2010) mostrou-se eficaz a curto prazo, melhorando o desempenho acadêmico e alguns comportamentos das crianças, no contexto escolar. Já ao falarem de impacto, este deveria ser analisado com cautela, pois apesar de ter sido aplicado em três instituições de ensino com populações diferenciadas contribuindo para a generalização dos resultados, esse mesmo fator pode colaborar para o menor controle das variáveis analisadas. Cautela também pela formação de grupos não homogêneos quanto ao número de participantes (variando de quatro a quinze pessoas) e serem voluntários (no sentido de que nem sempre as pessoas com maiores dificuldades são aquelas com condições para participar de intervenções desta natureza).

O outro estudo (Rolfesen & Martinez, 2008) avaliou uma proposta de intervenção na modalidade de um Programa Psicopedagógico de Orientação a Pais (PPOP), dirigido a pais e familiares responsáveis das 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental de escola pública regular de uma cidade de médio porte, também localizada no interior de São Paulo. Participaram 8 pais e seus filhos, sendo que estes apresentavam dificuldade de aprendizagem, segundo a indicação de seus professores. Foram realizadas 6 sessões de intervenção com duração de uma hora e trinta minutos, que ofereceram aos pais condutas assertivas que favorecessem comportamentos adaptativos e o progresso escolar de seus filhos.

O PPOP atendeu às necessidades dos pais, mas foram apontados alguns ajustes. Um deles seria apreender através de algum teste (que ainda deveria ser elaborado/criado), o nível de informação dos pais antes e depois para que houvesse uma medida dos resultados do programa.

Constatou-se, por meio da observação dos professores, que esses programas (PPOP) são importantes e acarretam influências positivas na vida dos filhos e, como principal resultado, isso reflete no rendimento escolar no sentido de que, melhorando o relacionamento com seus pais e estes estando melhor orientados e preparados para desempenharem seus papéis, há redução nos riscos para o desenvolvimento da aprendizagem e diminuição do fracasso escolar das crianças.

Por não existir algo específico que possa armazenar informações, analisar diferentes tipos de dados, e comparar períodos envolvendo as diversas fases de desenvolvimento das crianças, não se tem uma resposta consistente para a questão inicialmente levantada. Um dos motivos pode ser o fato de não haver a tradição de pesquisas específicas sobre o tema das relações que as escolas mantêm com as famílias, ou por ser um assunto complexo que não possibilita encontrar uma resposta linear.

CONCLUSÃO

Com a realização deste trabalho, foi possível explorar uma temática que envolve toda a sociedade, pois entende-se como ideal, embora nem sempre possível para todos, que um cidadão tenha estado em alguma família e em algum ambiente escolar.

Logo, esta revisão de literatura integrativa teve o intuito de informar sobre a relação destes dois ambientes em que a criança costuma transitar diariamente (seu lar e a instituição em que estuda) e como isso influencia o seu processo de aprender. Para tanto, pelas questões aqui levantadas, buscou-se contribuir ao meio científico, mostrando o estado de arte dessa relação tão defendida socialmente, porém não praticada por muitas escolas brasileiras.

Embora não se conteste a importância da boa parceria, não há evidências concretas que validem a melhoria no processo de aprendizagem. Por exemplo: a falta de consenso por parte dos professores, quando uns afirmaram que o desempenho e comportamento dos alunos cujos pais participam é melhor do que o aluno em que não há participação, oportuniza o desejo de buscar outros meios para verificar o que mais precisa ser considerado nesta questão.

Ressalta-se ainda que o tema pode ser mais explorado por outras áreas, como por exemplo, Serviço Social, Pedagogia, Psicologia em Educação e Antropologia, pois pelas particularidades de cada ciência, seriam enriquecedoras as contribuições de outras áreas de conhecimento, bem como de pesquisas que incluíssem estudos em outras línguas.

Aqui foi abordada a escola de um modo geral, mas poderiam surgir trabalhos mais específicos, comparando como acontece a relação família e escola entre os contextos de ensino privado e a pública, e de instituições brasileiras com outras nacionalidades.

Visto que os artigos revisados aqui contemplavam apenas crianças em seus anos iniciais, sugere-se estudos futuros sobre como a relação influencia na aprendizagem dos adolescentes, justamente por estes estarem vivenciando uma fase cheia de mudanças, conflitos e experimentos e ainda necessitarem da família e da escola.

O ensino e a educação dão trabalho, exigem das duas instituições – individualmente e da complexa relação entre elas – dedicação e comprometimento, que, na maioria das vezes, trazem um resultado recompensador: ver que a criança, de fato, conseguiu aprender para si, para os outros, para a sociedade e para a vida.

REFERÊNCIAS

- Acosta, A. R., & Vitale, M. A. F. (Orgs). (2010). *Família: redes, laços, e políticas públicas* (5a ed.). São Paulo: Cortez: Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais – PUC/SP.
- Almeida, A. C., & Arantes, A. (2014). A relação família e escola: pressuposto para o processo ensino aprendizagem. *Eventos Pedagógicos*, 5(2), 22-31.
- Bazeleski, A. N. A. A., & Arruda, R. A. (2011). Família no contexto escolar: sua participação no processo de aprendizagem no 2º ano do ensino fundamental. *Eventos Pedagógicos*, 2(1), 14-23 (2ª. ed. rev. e aum.).
- Bispo, M. A. T. (2015). A importância da participação da família no ensino e aprendizagem escolar das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. *Eventos Pedagógicos*, 6(2), 160-169.
- Botelho, F. R. S. (2016). A participação da família na escola. *Eventos Pedagógicos*, 7(2), 426-440.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado.
- Brasil. (1996). *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República.
- Brasil. (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil – RCNE* (Vol. 2). Brasília: MEC; SEF.
- Camporezi, E. L., & Kuhn, A. P. (2014). A participação da família na aprendizagem das crianças: um estudo de caso no 3º ano do ensino fundamental. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 12(1), 834-854.
- Cia, F., Barham, E. J., & Fontaine, A. M. G. V. (2010). Impactos de uma intervenção com pais: o desempenho acadêmico e comportamento das crianças na escola. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 3(3), 533-543.
- Dessen, M.A., & Polonia, A.C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Freire, P. (2013). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (47a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lima, T. B. H., & Chapadeiro, C. A. (2015). Encontros e (des)encontros no sistema família-escola. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 493-502.
- Mateus, M. N. E. (2016). Percepções da relação escola e família. *Imagonautas - Revista Interdisciplinaria sobre Imaginarios Sociales*, 7, 44-61. ISSN 0719-0166.
- Maturana, H. M. R. (2006). *Desde la biología a la psicología*. (4a ed.). Santiago de Chile: Editorial Universitaria S.A.
- Pacheco, J. (2012). *Dicionário de valores*. São Paulo: Edições SM.

- Perez, M. (2010). Família e escola na contemporaneidade: fenômeno social. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 4(3), 372-387.
- Resende, T. R. P. S. & Souza, I. A. (2016). Participação da família no contexto da escola. *Scientia cum Indústria*, 4(4), 248-251.
- Rolfsen, A. B., & Martinez, C. M. S. (2008). Programa de intervenção para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem: um estudo preliminar. *Paideia*, 18(39), 178-188.
- Rufino, D., & Souza, I. A. A. (2012). Dificuldade de aprendizagem na escola: um olhar do professor. *Eventos Pedagógicos*, 3(3), 44-52.
- Saraiva-Junges, L. A., & Wagner, A. (2006). Os estudos sobre a relação família-escola no Brasil: uma revisão sistemática. *Educação*, 39(n. esp., supl.), 114-124.
- Shigunov Neto, A., & Maciel, L. S. B. (2008). O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. *Educar*, 31, 169-189.
- Silva, S. B. F., & Muller, J. L. (2011). A participação dos pais no contexto educacional escolar. *Eventos Pedagógicos*, 2(2), 220-229.
- Souza, A. M. C. (1996). *Educação infantil: uma proposta de gestão municipal* (2a ed.) Campinas: Papirus.
- Souza, M. T.; Silva, M. D. da; Carvalho, R. de. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8 (1 Pt 1), 102-106. Recuperado em 29 maio, 2018, de http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102
- Szymanski, H. (2011). Encontros e desencontros na relação família e escola. *Boletim*, 01, 213-225. Recuperado em 15 abril, 2018, de http://www.necfebf.uerj.br/boletins/boletim012011index_arquivos/Heloisa_Szymanski.pdf

Recebido em: 08-05-2018

Primeira decisão editorial: 20-05-2018

Aceito em: 07-06-2018